

A ESCRITA NA ANÁLISE. IMPASSE OU RECURSO CLÍNICO?

Lizana Dallazen
Daniel Kupermann

“Quem tiver olhos para ver, saberá não ver o que há para ser não visto; quem tiver ouvidos para escutar, saberá distinguir, no tom controlado desses poemas, narrativas, diálogos, canções, um descontrole que resiste às formas, sem se deixar contaminar por elas, e modula a dicção em busca de maturidade.” (Nestrovski e Seligmann-Silva, 2000.)

Pensar a produção literária que alguns pacientes incluem no processo de análise é uma maneira de formular a indagação sobre o que é afinal a sublimação. Certamente que toda forma de escrita pressupõe uma representação, mas isso quer dizer que é necessariamente um destino pulsional que parte de um movimento de criação? Se não é sublimação, o que poderia ser? Meramente catártico? Se é catártico, não é um movimento que possa ser considerado originário de uma subjetividade? Essas indagações abrem caminho para avançar no segundo tempo das investigações da dissertação de mestrado sobre *Superego e sublimação: um destino ao romance familiar*.

No III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, ocorrido em Niterói, no ano de 2008, apresentamos o primeiro tempo desse estudo, intitulado na época *A violência é o destino?* O trabalho estava alicerçado na origem da severidade do superego a partir das identificações que o constituem. Os argumentos foram desenvolvidos através do padecimento que nos apresentava Eugênio, um paciente que esteve em análise por um período de quatro anos. Estamos nos propondo agora, a dar seguimento ao debate entre o superego e a sublimação, do ponto de vista não só da metapsicologia mas também da técnica psicanalítica, pensando como a produção que um analisando inclui no tratamento, pode ser um recurso dessa análise.

Retomando brevemente, Eugênio foi um paciente que contou uma história marcada por atos de auto e hetero- agressão graves nas gerações antecessoras a sua. Suicídio e homicídios, praticados pelo avô, pelo pai e por um primo-irmão, respectivamente, mostravam a força da idéia de destino no psiquismo do analisando. Num certo momento da análise, o paciente começou a trazer para as sessões contos que ele havia escrito momentos depois dessas cenas traumáticas, e alguns que ele produzia

nos intervalos das sessões. Seus contos foram trabalhados em análise segundo o modelo da interpretação dos sonhos, como um recurso técnico que favorecia a abertura de um espaço vazio no seu psiquismo a partir do qual foi possível criar novos sentidos para a sua história. O método clínico utilizado nessas sessões revela a implicação do analista como uma presença que, junto ao analisando, pode constituir destinos para as forças pulsionais que permitam a inscrição das pulsões no registro da simbolização e da sublimação.

Sabemos que a teoria dos sonhos, formulada por Freud em 1900, apresenta os sonhos como fenômenos psíquicos que buscam sempre a realização de desejos. O sonho poderia ser descrito como substituto de uma cena infantil, modificada por transferir-se para uma experiência recente. Se a cena infantil é incapaz de ser revivida e tem que aparecer deformada como um produto do inconsciente, ela precisa passar por processos que a tornem possíveis de surgir na consciência. Então a formação de um sonho consiste num trabalho. Encontramos a seguinte definição sobre o trabalho do sonho: “Conjunto das operações que transformam os materiais do sonho (estímulos corporais, restos diurnos, pensamentos do sonho) num produto: o sonho manifesto. A deformação é o efeito deste trabalho” (Laplanche & Pontalis, 1992, p. 511).

As neuroses traumáticas, que ocupam a atenção de Freud no texto *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/1990), apresentam para nós a possibilidade de pensarmos nos sonhos traumáticos, que estão numa categoria diferente da teoria dos sonhos de realização de desejos. Os sonhos traumáticos levariam o sujeito de volta à situação de um acidente ou de uma situação que fosse a causa de um trauma, fazendo a pessoa despertar do sonho sobressaltada, com um novo susto, como há cena original do trauma deve ter provocado. Esse tipo de sonho apresenta-se com poucas deformações sobre o episódio causador do trauma. Ainda assim, passam por certo tipo de trabalho, talvez menor do que os sonhos de realização de desejos. Mesmo os sonhos traumáticos representam uma satisfação de desejo, ainda que seja desejo de uma tentativa de elaboração do trauma. (Freud, 1920/1990).

Eugênio, nunca havia falado sobre qualquer tipo de sonho, mas trazia contos para ler na análise, contos traumáticos, que claramente promoviam a imediatividade na experiência literária. Seguindo as idéias de Carvalho sobre pulsão e simbolização, percebemos que os contos traumáticos deste analisando não eram textos miméticos. Sua escrita apresentava o encontro traumático com o real, mais do que o representava, pois este real carecia de escuta para ser significado e recoberto para que o analisando

pudesse distanciar-se da violência do destino familiar. Trabalhar os contos como um sonho traumático foi uma tática que surtiu efeito, pois permitiu ao jovem rapaz, pensar sobre as personagens que compunham as cenas traumáticas; sobre os efeitos desses eventos na sua vida; os desejos que ficavam inconscientes a ele se revelavam através dos contos.

As questões teóricas que abriram esse trabalho, eram indagações recorrentes na analista e referiam-se ao estatuto desses textos, pois anunciavam um elemento novo no caminho do tratamento de Eugênio. Ferenczi, em 22 de março de 1932 (1932/1997a), escreve sobre os sonhos traumáticos de uma paciente para falar do retorno do trauma no sintoma, nos sonhos e na catarse. Este nos dá uma importante pista, que a cura dos fragmentos traumáticos não está em reconstituir o trauma na íntegra, senão em aceitar uma falta. Desse modo, podemos entender que a catarse para o autor não é uma mera descarga de catexias represadas, mas uma preparação para a produção de sentido, na medida que pressupõe reconhecer uma falta e, conseqüentemente, passar pelo processo de luto referente a essa falta.

Ferenczi (1932/1997b), nesse artigo, comenta que o trabalho de tentar produzir sentido, onde existe um sonho traumático, exige do analista paciência e sacrifícios muito grandes, empatia, renúncia de toda autoridade velada do analista e pretensão de ensinar ou ajudar o paciente. Estaria nos dizendo que a catarse em si produz sentido? Ou seria o testemunho que oferece condições para esse trabalho? Pensar a função do analista como um testemunho pode efetivamente promover uma polissemia da escuta. Pois o testemunho é, segundo Felman, uma prática discursiva, em oposição à pura teoria. Testemunhar seria prestar juramento de contar, prometer e produzir seu próprio discurso como evidência material da verdade – é realizar um ato de fala, ao invés de simplesmente formular um enunciado.

Acompanhar as idéias Ferenczi nos mostra que de alguma maneira, é possível que o analista faça a função do verdadeiro testemunho. Se por um lado o conto encerra em si a fala podendo ser um impasse a continuidade do tratamento, já que a psicanálise é um método que pressupõe a fala, por outro ele pode ser um recurso clínico, vai depender da liberdade do analista para ampliar o sentido de escutar as enunciações do analisando, ocupando o lugar de testemunhar o sofrimento do analisando, legitimizando esse sofrimento e abrindo um espaço para ecoar o que estava até então em silêncio, irrepresentado.

Num texto de 1930, Ferenczi é enfático ao dizer que não devemos abandonar tão prontamente os métodos antigos e fundadores da psicanálise em detrimento das novas técnicas. Defende a neo-catarse como uma forma de afrouxar as resistências, a fim de remeter o paciente ao processo de rememoração associativa. Na época em que Eugênio trouxe os contos para sessão, ainda não tínhamos presente essa idéia de catarse como uma etapa preliminar à produção de sentidos, mas a experiência foi nos mostrando a importância que a escuta da analista teve para que esse fator remetesse os contos as cenas que estavam no lugar dos restos diurnos, reestabelecendo as marcas mnêmicas que encontravam-se apagadas, carecendo de um lugar para serem inscritas.

A definição de que o testemunho, via de regra, é uma contemplação, e que contemplamos sempre um evento (Seligmann-Silva, 2000), conecta-nos com a categoria do sublime. Categoria essa, que não poderemos nos furtar de estudar ao longo da dissertação, pois se a questão do que é a sublimação, é colocada a nós no momento que Eugênio introduz uma produção escrita durante sua análise, teremos que pensar numa polissemia da escuta para dar conta desse elemento. Nesse caminho será inevitável questionar o que é belo e sublime, o que é o grotesco, para desidealizarmos a noção de sublimação como destino pulsional mais elevado que as outras três vicissitudes pulsionais definidas em 1915 por Freud, tornando o conceito de sublimação algo inatingível. Para darmos conta dessa proposta, é necessário entender como se dá a ruptura da sublimação com o sublime, para que a primeira possa aproximar-se do ato de criação e tornar-se efetivamente um recurso para lidar com o acaso.

O tema do acaso passa a nos interessar na medida em que traz embutida a questão da repetição. É uma categoria da filosofia trágico grega. Os principais autores que falaram sobre a repetição, na filosofia, foram Hegel, Kierkegaard e Nietzsche (Garcia-Roza, 2003). O psicanalista Garcia-Roza (2003) trabalha as idéias de repetição desses autores e a relação da repetição com o trágico na filosofia grega e na psicanálise, no livro *Acaso e Repetição em Psicanálise* (2003). Se seguirmos as idéias de repetição desses autores, encontraremos a definição de dois tipos de repetição, uma que seria uma repetição – reprodução e outra que seria uma repetição diferencial. A primeira podemos pensar que está mais na via do destino, da repetição do destino que aparece em Eugênio, submetido aos imperativos da lei super-egóica; ao passo que a repetição diferencial, para esses filósofos, é sempre repetições produtoras do novo e das diferenças, ou seja, uma repetição que nunca é em si uma repetição do mesmo mas sempre acarretará algo de diferente do que era.

Conforme Garcia-Roza (2003), o trágico de que fala não se define pela dor e pela tristeza, mas sim como afirmação do acaso, como repetição diferencial que é um devir. O acaso surge nesse trabalho justamente por apresentar uma noção de “ser”, radicalmente oposto a noção de destino que foi o que observamos na vida de Eugênio através dos que chamamos de contos traumáticos. A sublimação como uma forma de funcionamento psíquico, rebaixada do caráter de sublime, é um recurso para lidar com o acaso, ao passo que o destino é o extremo radical no sentido que é a maneira que o sujeito tem para se defender do acaso.

É certo que no tratamento de Eugênio, testemunhar o que era trazia através da leitura dos contos, sem interpretar como uma produção sublime ou sem rechaçar esse material por não ser um conteúdo falado, mas algo escrito, produziu uma mudança no tratamento. Na medida em que lia os contos, e falava sobre eles, seu psiquismo parece que começou a ter uma certa elasticidade e movimentar-se diferente. Logo depois de trazer os primeiros três contos, ele começou a contar das idéias que tinha sobre outros contos que pretendia escrever. Esse movimento denunciava que o paciente já estava um pouco descolado dos fatos concretos e começando a entrar na fantasia, outro estatuto de escrita.

Esse foi um momento importante do tratamento, pois o paciente começava contar sobre os contos que escrevera ou sobre os que pretendia escrever. Mesmo que trouxesse os novos contos para dá-lo a analista, não precisava mais ler durante a sessão, pois podia falar. Dar os contos a analista certamente era uma atitude de tentar conquistá-la, mas era também ver na sua reação o próprio valor, que ele não sabia qual era, já que o pai sempre depreciava sua escrita. Ele muito arditosamente percebia que a analista gostava de receber seus contos, mas também interpretamos como um pedido de Eugênio para que a analista testemunhasse sua história, estabelecendo uma permutabilidade entre analista e analisando que cria a dimensão clínica do diálogo psicanalítico (cf. Felman). Observamos que o superego começava a ser menos regido e as catexias aos poucos movimentavam-se no psiquismo, permitindo novas identificações que propiciavam condições para o movimento de criar.

Fédida (1991) trabalha a idéia de como fazer a passagem dos sonhos à linguagem, e o faz dizendo que a pessoa do médico só se torna analista quando este se coloque a justa distância que permita ao doente falar. Cabe ao analista, também, questionar para que o paciente possa escutar-se através do questionamento do analista, propiciando que o tratamento promova num movimento de saltar ao desconhecido a

partir da relação assimétrica que se estabelece. A questão que o autor trabalha não se trata necessariamente de uma indagação falada, mas a capacidade do analista de se dispor à fala do doente, que pode tornar o próprio silêncio uma forma de questionamento singular, pois desperta a linguagem do paciente.

Entendemos que Fédida (1991) esteja falando da linguagem, não como os meios de comunicação social mas das enunciações e endereçamentos que as falas e atitudes dos pacientes nos transmitem e, conseqüentemente, respondemos a estas. Seguindo o raciocínio do autor, a questão complicadora no tratamento de Eugênio era como a fala da analista poderia ser empática, no sentido de ocupar o lugar de testemunha, a quem estava sendo endereçado uma série de questões. E, ao mesmo tempo, ocupar o lugar de analista de introduzir a diferença, no sentido de descolá-lo do real e fazê-lo escutar-se nas memórias inconscientes. Nesse sentido nos identificamos com a proposta de Kupermann de que é a presença sensível do analista que possibilita perceber, escutar e fazer circular o que por vezes está ausente das palavras mas que expressa a dor psíquica de outras formas, como os contos traumáticos de Eugênio.

A introdução dos contos e a leitura destes no *setting* - depois o deitar-se no divã e contar sobre os contos ao invés de ler os contos, por fim sonhar e contar os sonhos - foram os movimentos que marcaram as mudanças no funcionamento psíquico de Eugênio e no tratamento. Pensar a sublimação como um recurso frente ao acaso, enquanto a repetição seria um modo de defesa ao encontrar-se com acaso, é nosso objetivo nessa etapa da investigação. Certamente esse pequeno recorte da dissertação de mestrado não dá conta de responder todas as indagações que abrimos no início do presente trabalho, mas a intenção de indicar o caminho que pretendemos percorrer e promover o diálogo nesse evento, esperamos que tenha sido alcançada.

REFERÊNCIAS

- Carvalho, A. C. (2001). Pulsão e simbolização: limites da escrita. In Bartucci G. (org.) *Psicanálise, Literatura e Estéticas de Subjetivação* (pp. 251-285). Rio de Janeiro: Imago Editores.
- Fédida, P. (1991). *Nome, figura e memória: A linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo: Editora Escuta.
- Felman, S. (2000). Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. In M. Seligmann-Silva & A. Nestrovski (Orgs.), *Catástrofe e Representação* (pp. 13-98). São Paulo: Escuta.
- Ferenczi, S. (1930/1992). Princípio de relaxamento e neocatarse. In A. Cabral (Trad.), *Obras Completas de Sándor Ferenczi: Vol. 4. Psicanálise IV* (1ª ed., pp. 53-68). São Paulo: Martins fontes.
- Ferenczi, S. (1932/1997a). Retorno del trauma en síntomas, en sueños y en la catarsis, represión y división de la personalidad, desconstrucción de la represión el la catarsis y tras esta. In J. Dupont (Trad.), *Diario Clínico* (pp. 114-116). Buenos Aires: Amorrortu Editores S.A.
- Ferenczi, S. (1932/1997b). El empantanamiento en la catarsis y su remedio. In J. Dupont, *Diario Clínico* (pp.66-70). Buenos Aires: Amorrortu Editores S.A.
- Freud, S. (1900/1990). A interpretação dos sonhos. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Vol. 5. A interpretação dos sonhos* (3ª ed., pp. 468-533). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1990a). Pulsões e destinos da pulsão. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: Vol. 14. A História do Movimento Psicanalítico Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (3ª ed., pp. 129-162). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/1990). Além do princípio do prazer. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: Vol. 18. Além do Princípio do Prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos* (3ª ed., pp. 13-85). Rio de Janeiro: Imago.
- Garcia-Roza, L. A. (2003). *Acaso e repetição em Psicanálise* (7ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Kupermann, D. (2008). *Presença sensível: Cuidado e criação na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1992). *Vocabulário de Psicanálise* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Seligmann-Silva, M. (2000). A história como trauma. In M. Seligmann-Silva & A. Nestrovski (Orgs.), *Catástrofe e Representação* (pp. 73-98). São Paulo: Escuta.